

Homilia para o jubileu de 200 anos da fundação da Congregação dos Missionários do Sangue de Cristo.

Basílica de San Giovanni in Laterano, 1º de julho de 2015

*Irmãs e irmãos caríssimos,
confrades e coirmãs da nossa congregação,*

Nos mais diversos encontros em que tenho ocasião de celebrar a eucaristia ou proferir palestras e me apresento como Missionário do Sangue de Cristo ou então os participantes descobrem a que congregação pertenço, invariavelmente me perguntam pelo significado e a razão desse nome como título de nossa comunidade. No mundo em que vivemos a palavra sangue gera associações assustadoras. Sangue envolve cenários de violência e horror, de guerras e conflitos, de desastres e catástrofes. Em acidentes de trânsito com vítimas fatais, uma das primeiras preocupações é não deixar nenhum vestígio de sangue na estrada. Poças de sangue causam repugnância. Sangue espanta.

Com este pano de fundo, como explicar ao mundo de hoje a mensagem e o significado do Sangue de Cristo? Como entender uma mística que se alimenta na contemplação do sangue derramado do Senhor? Como interpretar as palavras da Primeira Carta de São Pedro: “Tende consciência de que fostes resgatados da vida fútil herdada de vossos pais, não por coisas perecíveis, como a prata ou o ouro, mas pelo precioso Sangue de Cristo” (1 Pd 1,18-19)? Qual é realmente o motivo de São Gaspar, o Apóstolo do Preciosíssimo Sangue, não cansar-se de exclamar. “Queria ter mil línguas para comover os corações para o Preciosíssimo Sangue de Jesus?”

A razão de São Gaspar fazer de sua vida uma pregação continua do Sangue de Cristo ele mesmo o explica numa Carta ao Papa Leão XII: “O culto ao Preciosíssimo Sangue pertence à essência da fé cristã (...). O Sangue Divino purifica os nossos corações, nos deixa inebriados do amor de Jesus, *aquele que nos amou e em seu Sangue nos lavou* (Ap 1,5)”¹ A intuição de São Gaspar é que o Sangue de Cristo é sinal e realidade da aliança que Deus em seu amor misericordioso fez conosco. Ao mesmo tempo o Sangue de Cristo é o testemunho mais convincente da radicalidade de seu amor, levado até as últimas consequências: “Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1), até ao extremo (Jo 19,30)².

¹ Cfr. Generalis operis adumbratio Leoni XII Pontifici exhibita: vol. XII, ff. 38-49 – Lectio Altera, Officium lectionis, Sollemnitas S. Gasparis Del Bufalo, Presbyteri, Fundatoris Congregationis.

² “amou-os até o fim (extremo)” (Jo 13,1), no original grego “εις τέλος ἠγάπησεν αὐτούς”, está na raiz da derradeira palavra de Jesus: “está consumado” (Jo 19,30): “τετέλεισται” = “levado até o fim (extremo)”.

Quando São Gaspar, o Apóstolo do Preciosíssimo Sangue, exclama “Queria ter mil línguas para comover os corações para o Preciosíssimo Sangue de Jesus?” é exatamente a essa a variante do sangue a que se refere, o sangue que não causa repugnância ou assusta, mas pelo contrário nos faz inclinar-nos profundamente diante do amor radicalmente doado que esse sangue representa e realmente é.

Foi na Abadia de San Felice em Giano dell’Umbria que em 15 de agosto de 1815 nasce com o apoio do Papa Pio VII a Congregação dos Missionários do Preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo (Congregatio Missionariorum Pretiosissimi Sanguinis Domini Nostri Jesus Christi – C.PP.S.). Foi a paixão pelo Sangue de Cristo que fez São Gaspar convidar outros sacerdotes para viverem como comunidade apostólica e, a partir da mística do Sangue de Cristo, anunciarem pelo mundo afora o “Evangelho de Deus” (Mc 1,14; Rom 1,1). E a Providência Divina quis que essa obra maravilhosa começasse na Úmbria, berço de santas e santos que fizeram história e cuja mensagem ultrapassou o tempo e espaço daquela região sempre primaveril e continua atual até os nossos dias³.

E qual é a mensagem do Sangue de Cristo hoje? Falamos com sempre maior ênfase e admiração do sangue derramado de nossos mártires, associando-o à morte de Jesus na cruz. Irmãs e irmãos nossos são mortos porque são cristãos e cristãos, são trucidados por causa de sua fé em Jesus Cristo. Ou então, são assassinados porque defendem a dignidade de seus semelhantes, porque lutam pelos direitos humanos contra as agressões de um sistema perverso e opressor. Têm coragem de denunciar vigorosa e profeticamente pessoas ou organizações que cometem injustiças contra os pobres e minorias étnicas e por causa destas suas denúncias são assassinados. Assumem a missão de defender a quem a sociedade exclui e considera “supérfluo” ou “descartável” numa sistema em que só vale quem produz ou consome (cf. DAp 65).

Os meios de comunicação nos informam quase que diariamente que em vários países há uma cada vez mais exacerbada perseguição a quem professa a fé cristã. Mulheres e homens, jovens e crianças são odiados, expulsos de suas casas e terras, torturados, massacrados por causa de sua fé cristã. Esse sangue derramado dos mártires de hoje não nos pode deixar insensíveis. No final da Via Sacra no Coliseu deste ano⁴ o Papa Francisco denunciou o “silêncio cúmplice” de quem assiste com indiferença ao massacre de cristãos que por causa da fé são “perseguidos, decapitados e crucificados”. “São os que estão chegando da grande tribulação. Eles lavaram e alvejaram suas roupas no sangue do cordeiro” (Ap 7,14).

³ Lembro São Bento de Núrsia (* 480 + 21.3.547), São Francisco (*1192 +3.10. 1226) e Santa Clara de Assis (*1193 +11.8. 1253), Santa Rita de Cássia (*1381 + 22.5.1457).

⁴ Noite da Sexta-feira Santa deste ano, 3 de abril de 2015.

Especialmente na América Latina o sangue derramado evoca ainda outros contextos. Existe uma forma de martírio que alguns setores de nossa Igreja não querem aceitar como martírio porque acham que esses irmãos e irmãs foram mortos em virtude de seu engajamento “político”. Entendemos na América Latina política exatamente como a entendeu o saudoso Papa Beato Paulo VI: “A política é uma forma exigente de viver o compromisso cristão ao serviço dos outros” (OA 46). Nas décadas passadas e até hoje há irmãos e irmãs nossos que morrem porque viviam ou vivem esse compromisso cristão a serviço dos outros, porque pararam no caminho entre Jerusalém e Jericó e tornaram-se próximos de quem caiu nas mãos dos assaltantes (cf. Lc 10,25-37). Ao beatificar há poucas semanas o arcebispo de San Salvador, Oscar Arnulfo Romero⁵, o papa Francisco o reconhece como mártir de sua missão profética de denunciar a perversidade de uma tirania que mata o povo e quer, a todo custo manter-se no poder. Ameaçado não fugiu. Amaldiçoado pelo poder tirano, continuou a abençoar e confirmar seus irmãos e suas irmãs na fé, perseguido dia e noite suportou a agonia de seu calvário, caluniado pelos seus inimigos não deixou de consolar o seu povo (cf. 1 Cor 4,12-13) dando-lhe “razão da esperança” (1 Pd 3,15).

Poderíamos agora relembrar os grandes feitos de nosso São Gaspar no seu tempo e de seus missionários ao longo de dois séculos, poderíamos meditar as cartas e homilias do Santo ou então debruçar-nos sobre a biografia desse homem que se empenhou em favor do Reino de Deus para além de suas forças físicas a ponto de morrer prematuramente com apenas 51 anos de idade. Mas estou convicto de que cada um de nós pode pessoalmente aprofundar o conhecimento da emocionante biografia de São Gaspar e ler e meditar a herança maravilhosa que ele deixou em suas cartas e outros escritos.

Creio que na homilia por ocasião dos festejos do segundo centenário da fundação de nossa congregação é bom pensar no que São Gaspar nos diria hoje, se vivesse em nossos dias. Qual seria sua mensagem para nós que vivemos 200 anos depois da fundação da congregação?

Primeiro: São Gaspar repetiria sem dúvida para a sua congregação a intuição do Papa do Preciosíssimo Sangue, São João XXIII traduzida na palavra-chave “aggiornamento”. Recomendaria a aceitação sem poréns e porquê do espírito e dos documentos do Concílio Vaticano Segundo. São Gaspar repetiria hoje para a sua congregação as palavras da Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje “Gaudium et Spes”: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração”.

⁵ O arcebispo de San Salvador Óscar Arnulfo Romero, assassinado em 24 de março de 1980 por esquadrões da morte, foi beatificado dia 23 de maio de 2015.

Segundo: São Gaspar diria que a missionariedade de nossa congregação pressupõe a kênosis análoga à de Jesus que nos é apresentada no hino da Carta aos Filipenses: “Esvaziou-se a si mesmo e assumiu a condição de servo” (Fil 2,7). Somos ao mesmo tempo servos de Cristo Jesus e servos de nossos irmãos e irmãs para além de todas as fronteiras e limites já que professamos que “com teu sangue adquiriste para Deus homens e mulheres de toda raça, língua, povo e nação” (Ap 5,9). São Gaspar exigiria hoje de seus missionários essa descida à realidade humana sem reservas e receios.

Terceiro: São Gaspar repetiria aos seus missionários que a partir da contemplação de Jesus Cristo e da adoração de seu Preciosíssimo Sangue saíssem de si para ir às periferias existenciais, antecipando as palavras que o Papa Francisco falou no pré-conclave, ainda como Cardeal Bergoglio. Foram certamente essas palavras proféticas que convenceram os cardeais a escolher o cardeal de Buenos Aires como futuro papa: “Evangelizar supõe na Igreja a *parrhesía*⁶ de sair de si mesma. A Igreja é chamada a sair de si mesma e ir para as periferias, não apenas geográficas, mas também as periferias existenciais: as do mistério do pecado, da dor, das injustiças, das ignorâncias e recusa religiosa, do pensamento, de toda miséria”.

Enquanto celebramos agora na venerável Basílica Patriarcal de San Giovanni in Laterano o memorial da paixão, morte e ressurreição, o corpo entregue, o sangue derramado do Senhor, pedimos a intercessão de nosso grande Santo, o Apóstolo do Preciosíssimo Sangue, para que cada um dos filhos de São Gaspar renove a sua disposição de seguir o seu exemplo que cantamos no prefácio da Missa de sua festa para ser como ele um “solícito pregador do Evangelho e assíduo ministro do Sangue do Senhor, (que) seguindo o exemplo de Cristo, escuta o grito dos pobres e oprimidos, tornando-se para eles irmão, amigo e defensor”.

São Gaspar, rogai por nós!
Amém

Erwin Kräutler C.PP.S.
Bispo do Xingu

⁶ O termo “parrhesia” é uma palavra grega usada nos Atos dos Apóstolos. Há várias traduções. Somente todas juntas conseguem dar o verdadeiro sentido à palavra: intrepidez, ousadia, firmeza, audácia, destemor, coragem, fé, confiança, paixão, ardor, fervor. Cf. At 4,13; 4,29; 4,31; 9,27; 13,46; 14,3; 19,8; 26,26; 28,31.